



O chafariz monumental do Chatelet em Paris

Em 1807 mandou Napoleão I construir na praça do Chatelet, em Paris, a mui graciosa *Fontaine de la Victoire*, ou Chafariz da Victoria, assim denominada, porque na columna foram inscriptos em letras de ouro os nomes das victorias dos exercitos francezes. Ficou, porem, sendo chamado *Chafariz do Chatelet*, por ser assente na famosa praça da terrivel prisão antiga do *Grand-Chatelet*.

No meio de um tanque circular erguia-se um pedestal, sustentando uma elevada columna, em volta da qual, logo acima do pedestal havia quatro grandes estatuas, que representavam a *Fé*, a

Vigilancia, a *Lei*, e a *Força*. D'ali para cima, a columna era dividida por cinco cintas de bronze dourado, nas quaes estavam inscriptos os indicados nomes das victorias dos exercitos francezes. — Nos quatro angulos do pedestal havia quatro cornucopias, que terminavam, na parte inferior, em cabeças de golfinhos, d'onde saíam as bicas de agua. — Sobre o capitel da columna assentava um meio globo de bronze dourado, do qual se elevava uma figura do mesmo metal, representando a victoria, com as azas despregadas, e sustentando em cada mão duas corôas.

Temos apresentado esta descripção, como sendo de um monumento do tempo passado, por isso que o primitivo chafariz foi substituído por outro, alevantado na mesma praça do Chatelet, mas em outro ponto.

O novo chafariz conserva as mesmas estatuas, as mesmas cintas de bronze douradas, as mesmas inscripções dos nomes das victorias dos exercitos francezes, e no capitel a mesma estatua da victoria. O tanque tambem não soffreu alteração; mas na parte inferior do pedestal fizeram algumas modificações, que se diz não serem do melhor gosto. — Em vez das cornucopias, ha agora quatro grandes sphynxes, das quaes saem as bicas de agua.

A mudança de local do chafariz effeituou-se no anno de 1858, por effeito das exigencias do alinhamento. Na transladação do antigo monumento houve uma operação muito notavel. Todo o monumento, de um peso consideravel, foi collocado em rails, e d'ali conduzido horisontalmente para o novo local (a distancia de 12 metros), e depois alevantado por meio de poderosas machinas para cima do pedestal. A transição, dirigida por M. Ballu, não gastou mais de 20 minutos!

A nossa estampa representa o chafariz primitivo.

O SONHO DE JOÃO PAULO

(Continuado de pag. 401)

II

A ballada é a seguinte :

«Quando na infancia nos contam que á meia noite, á hora em que o somno é mais pesado, são os sonhos mais sinistros, erguem-se os mortos da tumba, e, nas egrejas dos ermos, arremedam as piedosas praticas dos vivos = amedronta-nos a morte por causa dos mortos.

«Quando descem as sombras, e envolvem a terra com o seu manto escuro, tiramos os olhos da egreja, e das suas vidraças negras.

«Os terrores infantís, mais do que os doces prazeres da primeira idade, tomam novas azas e revolteiam em torno de nós, durante a breve noite da alma adormecida.

«Ah! Não apagueis esses clarões. Deixae-nos os nossos sonhos, que por muito sombrios e tetricos são mais doces do que a vida, que ora vivemos, pois nos revocam áquella idade, em que o rio dos annos ainda reflecte o céu.

«Por uma tarde de estio estava eu no pinaculo de um monte. Adormeci, e sonhei que tinha acordado, altas horas da noite, no meio de um cemiterio.

«Tangia a campa onze horas. Todas as tumbas estavam semi-abertas, e as bronzeas portas da egreja, impellidas por mão invisivel, ora se abriam, ora se fechavam, com medonho fragor.

«Sobre as paredes fugiam e meneiavam-se grandes sombras pallidas, que nenhum corpo projectava; outras, mais lividas, erguiam-se nos ares.

«Só as creanças repousavam nos sepulchros.

«Havia no céu uma nuvem parda, pezada, caliginosa, abafadiça que um phantasma gigante apertava e comprimia formando longas pregas.

«Por cima de mim ouvia o longinquo ruido das avalanchas, que caíam, e sob os meus pés o primeiro fremito de immenso terramoto.

«A egreja vacillava nos seus fundamentos, e o ar tremia e agitava-se com umas notas lugubres, que debalde tentavam entoarem-se.

«Raros e pallidos raios lançavam sombrios clarões.

«Impellido pelo terror fui abrigar-me no templo.

«Dois basiliscos faiscentes demoravam defronte das terriveis portas.

«Embrenhei-me na multidão das ignotas sombras, que já tinham profundamente impresso o cunho dos priscos seculos.

«Todas ellas se agrupavam em torno do altar mór, e os peitos arquejavam-lhes com violencia. Só um finado, que havia pouco fôra enterrado, repousava envolto no sudario. Ainda o seio lhe não battia, e sonhos felizes traziam-lhe um sorriso aos labios; mas, ao approximar-se um vivo, acordou, deixou de sorrir, e abriu as palpebras cançadas com penoso esforço. No logar dos olhos tinha o vacuo, e em vez do coração uma ferida profunda. Ergueu as supplices mãos, e pôl-as para rezar; mas os braços inteiriçaram-se e desligaram-se do corpo, e as mãos postas caíram no chão.

«Na extremidade da abobada da egreja estava o relógio da eternidade, que não tinha ponteiros e numeros. Uma garra negra descrevia a circumferencia, aonde os mortos se esforçavam de ler as horas.

«Das alturas desceu então para o altar uma figura nobre, radiosa, que trazia o signal fatidico d'uma dôr immensa.

«Os mortos gritavam unisonos: «Ó Christo, por ventura não existe Deus?» Respondeu: Não! não existe. Todas as sombras começaram a tremer com violencia, e Christo proseguiu assim:

«Corri os mundos, ergui-me acima das espheras, e em parte alguma existe Deus. Desci aos derradeiros limites do universo, sondei o abysmo e exclamei: Pae, aonde estás? Só me respondeu a gota de agua, que escorre nos antros, e a tempestade eterna, que rebrama nos chãos.

«Alevantando então os olhos para a abobada celeste, vi uma orbita negra, vasia, sem fundo.

«A eternidade pousava no chãos, roia-o, e devorava-se a si mesma. Redobrae os vossos amargos queixumes, ululae de pesares, contorcei-vos nas tristezas. Dispersae as sombras com os vossos gritos estridulos, porque tudo acabou para vós.»

«As desoladas sombras esvaeceram-se como o vapor esbranquiçado, que o frio condensou; mas de repente, medonho espectáculo! as creanças mortas, que por sua vez tinham accordado no cemiterio, vieram prostrar-se perante a figura magestosa erecta no altar, e disseram: Jesus, onde está o nosso pae? E elle respondeu com uma torrente de lagrimas: todos, todos somos orphãos, nenhum de nós tem pae.

«A estas palavras caiu o templo, desappareceram as creanças, e toda a fabrica do mundo se derruiu perante mim na immensidade.»

.....

Este é o sonho de João Paulo, que na Alemanha foi lido e commentado não só pelos letrados e gente de maior sobedoria, mas ainda pelos numerosos ledores, que tanto abundam naquella grande foco de sciencia e estudo.

Em França, e em quasi todo o resto da Europa só foi conhecido dès que madame de Stael o inseriu no seu admiravel livro intitulado *De l'Allemagne*, d'onde foi litteralmente traduzido.

O fim d'esta ficção, diz João Paulo, desculpará o ousio d'ella. Se o meu coração por desgraçado e enresequido, desconhecêr os argumentos, que affirmam a existencia de Deus, hei de rler estas paginas aonde encontrarei fé e salvação, pelo muito que hão de abalar-me e commover-me. Ha homens que negam a existencia de Deus; outros admittem-na. A indifferença dos primeiros é igual à dos segundos.

De muitos sei que acreditaram em Deus durante vinte annos, e que só aos vinte e um depararam o instante solemne em que descobriram o rico apanagio de tal crença, o vivificante calor deste manancial de naphtha.

O intuito do poeta foi pois condemnar o atheismo pelo temor das penas eternas. A forma, porque o alcançou, denota imaginação riquissima, potente e creadora.

As cores sombrias do quadro, os horriveis negrimes que lhe formam o fundo, os phantasmas que adejam sinistros, os queixumes que se erguem dos peitos afflictos, todo este concerto de dores e amarguras, de soffrimentos e tristezas, dominado por um soffrimento mais cruel e pungente, que rala o coração dos condemnados como um vampiro sedento do sangue, que lhes rasga as carnes como um latego igneo, e a duvida, cúpula de ferro em brasa, que lhes esmaga e requeima os craneos, tudo isto é grandioso e formidavel, como uma das estrophes mais estupendas do Dante.

E, afinal, o proprio Christo, impassivel, como a justiça eterna, apparece magestoso e sereno, transformando a duvida em certeza, mais horriavel ainda.

Não existe Deus, é a sentença fatal, proferida entre lagrimas pelo juiz dulcissimo e melancolico. E os atheus soffrem agora castigo tremendo com o que em vida lhes foi consolação, amparo e estimulo na senda dos desregramentos.

E depois o proprio Christo, que um dia disse: *Sinite parvulos venire ad me*, responde ás creancinhas que a orphandade é a triste condição do homem.

Então os atheus tremem de horror e espanto, porque vêem os funestos e terriveis effeitos da sua doutrina. Mas já é tarde. A destruição geral é o castigo immenso de tão immensa culpa.

Tal é a traducção do admiravel pensamento philosophico de João Paulo Richter, o-poeta mais melancolico, que tem existido depois do Dante.

O fragmento que abi fica traduzido resume não só a maneira especial de João Paulo, mas tambem os caracteres distinctivos da poesia allemã,

da qual descende, mais ou menos directamente, toda a poesia moderna, que é eminentemente philosophica.

Podem os sentimentos variar ao sabor dos povos, e conforme o genio nacional. Mas o fundo é a philosophia.

Hoje, como nos primeiros inicios das sociedades, a poesia é o codigo do progresso e da civilisação, é o ultimo aneio dos homens mais adiantados, que se traduz por mil modos diversos nas artes e nas sciencias.

Poesia quer dizer conquista pacifica. Poesia é a philosophia rythmica.

Por isso os poetas sempre foram raros, e hoje, felizmente, mais do que nunca, rareiam os poetas-tros.

A poesia é ás vezes monstro, como o typhão das aguas, outras vezes espirito subtil, como os elphos e os sylphos, mas caminha sempre pelas invias e apartadas regiões, é nuncia e pregoeira das novas riquezas, é como os *first-settlers* da America, que cada dia derrubam inhospitas florestas, navegam rios desconhecidos, zombam dos selvagens, atravessam os desertos e as solidões, soffrem o calor e o frio, e vão annunciando a civilisação e o progresso.

A. OSORIO DE VASCONCELLOS.

O PRIMEIRO BEIJO

(Continuado de pag. 402)

III

Sol entre nuvens

Findára a missa. Angelica recolheu logo a uma saleta, onde costumavam ter lugar os serões musicaes, que por tanto tempo lhe haviam sido de leite ao lado de Paulo, e deparou logo com o bello trecho do quarto acto do *Trovador*, que termina assim:

No scordai di me
Leonora, addio!

Aquella tão sentida e mimosa despedida do trovador desventurado filtrou-se-lhe até ao intimo d'alma, quando deparou com Paulo que, em trajes de jornada, vinha tambem fazer as suas despedidas áquelle solar, onde com elle morára por tanto tempo a ventura.

Minutos permaneceram calados os dois, sem se olharem, mas sentindo reciprocamente o tumultuoso arfar dos peitos. A donzella por fim disse num tom imperceptivel quasi:

— Já?

— Manda-o o dever, replicou Paulo angustiado pela dor.

— Vae e leva a esperanza de voltar.

— Não posso!

— Então! proseguiu a menina colhendo alento no proprio desanimo do homem que tanto estimava. Vamos. É preciso ter valor. Os dias succedem-se mas não se semelham. As trevas de hoje seguem amanhã os fulgores de um bello dia. Tem-te esmagado a desventura o coração. És um

corpo sem vida... quero dar-t'a eu! Quero que appareças no mundo, que conquistes uma posição... e que eu possa dizer, cheia de vaidade e feminil desvanecimento: é a mim que deve tudo! eu que não podia fazer nada por elle, eu, pobre creança, pude inspirar-lhe o alento que lhe faltava e eil-o grande só por mim.

Calou-se um momento a menina.

— Falla! Angelica! deixa-me ouvir o som da tua voz e a magia das tuas palavras. Parece-me que ao escutar-as sinto o espirito entumecer-se-me de coragem para a lucta.

Aqui Paulo tomou a mão da menina e beijou-a repetidas vezes com effluvio de ternura, ousadia que o seu muito respeitoso affecto mal se atrevera a commetter, entre os extasis dos curtos colloquios, que a sós haviam tido.

— Depois has de voltar, proseguiu Angelica, acariciando-o com um olhar d'esses, que só a mulher que estima sabe exprimir.

O mancebo ergueu a cabeça.

— Eu esperar-te-hei sempre a mesma e depois ligaremos os nossos destinos. Lembra-te, Paulo, das phantasias que tantas vezes sonhámos sobre a felicidade da nossa união... dos deleites do lar... do primeiro beijo no nosso primeiro filho.

Angelica baixou os olhos, envergonhada de haver dito tanto, e Paulo, deslumbrado, com as melodias intimas que se lhe coavam no ouvido, replicou:

— Porque sou eu tão feliz agora? porque sinto em mim de tal modo o esquecimento de todos os soffrimentos... que logo me hão de lembrar mais pungentemente!

— A felicidade vem por grãos, respondeu a menina, sem bem attentar ao que dizia.

— E póde durar essa felicidade?

— Póde, volveu ainda Angelica, concentrada nas suas cogitações.

N'aquelle coração predominava sobre todos um sentimento adivinhado entre os deleites que o culto espirito lhe phantasiava: era o de maternidade. Ser mãe! ver na creancinha innocente o reflexo de toda a affeição consagrada ao homem a quem queria; adivinhar nas pequeninas feições do recém-nascido as feições adoradas, que tinha presentes sempre ao seu espirito, que prazer mais doce, e ao mesmo tempo que mais innocente phantasia no espirito da mulher, que não sonha a embriaguez des sentidos como a suprema felicidade, mas só a antevê no augusto, no sacrosanto, no incomparavel affecto do materno amor?

— Angelica! continuou o mancebo, se a minha alma podesse saccudir de um impeto os andrajos do corrompido sudario em que ha tantos annos existe amortalhada, vel-a-hia rediviva agora pelo influxo das tuas palavras; mas a larva carece de longa tranquillidade do casulo antes de sair borboleta de brilhantes cores. Não esmoreças nesta obra de redempção que encetaste, minha amiga, e já que volveste teus olhos sobre mim, que já a sem vida... não me abandones sem ter dito ao Lazaro: — ergue-te.

— Ah! vem meu pae, disse a donzella, olhando

atravez das janellas que deitavam para o jardim e vendo D. Caetano approximando-se do portão do palacio. É preciso separar-nos; adeus!

Paulo tomou a mão de Angelica para a beijar pela derradeira vez; mas a donzella, debruçando a cabeça sobre o airoso e flexivel pescoco offereceu-lhe a face mimosa, com tanta singeleza, com tanto carinho, com tanta candura ao mesmo tempo, que o mancebo, extatico e enlevado, depoz alli um beijo tão respeitoso como o deporia no pé de uma madona, venerada em altar sagrado, e tão casto que nem fez assomar senão ligeiramente o rubor aquella mimosa face.

Angelica correu ao encontro do pae, e o filho do fidalgo de Mello, como ebrio de tanta ventura, sentia um calor nas veias que lhe dava alento e vigor para encetar a vida de trabalho e actividade, que a sua gentil desposada lhe impunha como caminho para alcançar a posse da sua mão.

Aquelle primeiro beijo fôra o *fiat lux* nas trevas de uma existencia; fôra o pacto de obediencia do mancebo á vontade da donzella; fôra o estimulo a galvanisar um cadaver... fôra a previa recompensa da futura actividade de Paulo.

E todavia aquelle roçar dos labios do namorado mancebo na face da candida menina havia sido innocente e puro, como o primeiro oscular da mãe ao tenro filhinho, como o beijar da abelha o nectario das flores, como a brisa a beijar os perfumes da rosa, ou os raios do primeiro sol a oscularem o orvalho da manhã.

IV

Fulgores de um bello dia

Contei-lhes a historia singela de um primeiro beijo. Não descrever de mim os leitores; e as leitoras talvez esperdiçarem os thesouros escondidos na concessão de tão grande penhor de affecto aos namorados, que a moda converte em fingidos descrentes e que desejosos da repetição da receita mais descrentes se farão ainda, depois da primeira applicação do remedio!

Mas estes grandes soffrimentos e fundos desalentos não se ostentam nem se exhibem em permanente exposição, pelo contrario atravessam o tumultuar da sociedade com uma mascara de felicidade convencional, que illude a turba, que illude até a propria mulher quando ella não desce a analysar com minucioso empenho os meandros do labyrintho d'esses espiritos incompreensíveis.

Para estes vérdadeiros soffrimentos é que póde ser alento o raio de calor de uma crença inoculada no primeiro beijo da mulher amada.

Sirva de prova o futuro de Paulo. Activo e intelligente, influindo nos destinos do seu circulo, alargando o ambito dos seus conhecimentos, estava, tres annos depois, elevado a uma das primeiras dignidades administrativas do districto, e vinha pedir a D. Caetano de Athayde a mão de sua filha.

Accedeu, cheio de jubilo, o bondoso pae. Renovaram-se os saráus musicaes no velho alcaçar de Nabainhos, renasceu a felicidade na familia,

porque Angelica ia ser venturosa, se não no seio da opulencia, entre os gosos de uma feliz mediania, a que o poeta mantuano chamou:

Aurea mediocritas.

Os quarenta contos sotterrados é que nunca

mais appareceram; e os leitores pódem nas horas de desenfadamento ir procural-os nas cercanias de Mello, ou os mais ousados e animosos pedirrem aos espiritos invisiveis que em sonhos lhes apresentem o avô de Paulo para lhes revelar o local que esconde aquelle thesouro. C. B.



A cathedral de Cordova

Cordova, que os hespanhoes escrevem Cordoba, a *Colonia Patricia* dos antigos, assenta em uma grande planura, nas faldas dos Montes Marianos, ou Sierra Morena, sobre as margens do Guadalquivir, que a banha do nascente ao poente.

Foi antiga côrte dos Reis Mouros da familia de Ben-Omia, os quaes nella deixaram muitos e preciosos monumentos, entre os quaes avulta a famosa mesquita, que antes tinha sido o Templo de Jano, e agora é a Igreja Cathedral, que a nossa estampa representa — em uma parte do interior.

Cabe a Cordova a gloria de ser patria de muitos varões illustres, taes como os dois Senecas, Lucano, Avicena, Averroes; dos architectos Fernan Luiz; de Juan de Mena, e do celebre D. Luis de Gongora y Argote; etc.

A Cordova do tempo dos Arabes coube tambem a gloria de possuir uma universidade, e escolas geraes das lettras arabicas, philosophia, medicina, e a sciencia dos astros.

Fallando particularmente da cathedral, cumpre dizer que é ella magnifica, e unica na sua classe; e muito mais o seria, se não se tivesse emprehen-

dido a obra do cruzeiro. *La cathedral es magnifica e unica en sua classe; y lo seria mucho mas si no se hubiese emprendido la obra del Crucero,* diz Miñano, a quem temos vindo seguindo.

O magestoso monumento, que os arabes levantaram, foi consagrado ao culto catholico, logo que a cidade de Cordova foi conquistada pelos christãos em 1236.

A mesquita formava um quadrilongo, do comprimento de 620 pés (do norte ao sul), e de 440 de largura (do nascente a poente.) Desanove portas cobertas de laminas de bronze, de um trabalho delicadissimo, davam serventia para o interior do edificio, onde primeiramente se encontrava um pateo, ou jardim, de 200 pés quadrados: o recinto da mesquita, de 350 pés de comprimento, era cortado por desanove naves, formadas por 850 columnas de marmores e jaspes preciosos, tirados de muitos monumentos romanos que havia na Hespanha. De cada uma d'estas columnas cresciam pilastras, que iam fechar em segunda ordem de arcos, sobre os quaes descansava o tecto da mesquita na altura total de 29 pés. Quando o es-

pectador via de revez as 850 columnas, apresentava-se-lhe uma perspectiva quasi magica, pois que lhe parecia estar vendo uma vasta floresta de bellas arvores, ao passo que as arcadas ligeiras, entrecortando-se em todos os sentidos, pareciam formar festões vistosos, elegantemente entrelaçados. Era realmente um espectáculo admiravel, que produzia um effeito extraordinario, e como que assombrava o espectador.

E agora cabe explicar as expressões de Minaño, de que a obra do Cruzeiro desfeizera a magnifica e verdadeiramente singular mesquita dos mouros.

Quando a mesquita, no seculo XIII, caio em poder dos christãos, houve todo o cuidado em não lhe alterar a belleza e magnificencia, limitando-se os architectos a fazer as alterações absolutamente indispensaveis para a appropriar ao seu novo destino. No seculo XVI, porém, o cabido inepto e vandalico teve o desaccordo de querer edificar uma cathedral no meio da mesquita. Realisou-se este barbaro projecto, a despeito dos homens de bom gosto; e a primitiva edificação ficou deturpada. Nos seculos seguintes continuaram os conegos a fazer destruições; de sorte que a igreja christã parece uma sala mettida no meio da immensa floresta de columnas da antiga mesquita. Assim mesmo, e tal era a belleza primitiva da edificação, ainda hoje é grandioso o todo do que existe, ainda hoje todos os viajantes o admiram.

O TUNNEL DE LONDRES

(Continuado de pag. 140)

Logo que foi posto em liberdade, Brunel retomou o fio de suas invenções, as quaes applicava ás mais diversas industrias. Em 1816, construiu uma machina para o fabrico de meias sem costura. O aço ondeado, cujo uso tão depressa se espalhou por toda a parte, ha trinta annos, e do qual se faziam bandejas, candieiros, lavatorios etc., foi tambem uma das suas descobertas.

Como engenheiro não era menos fecundo. Desenhou uma ponte que devia atravessar o Sena em Ruão. Depois de largas conferencias, o plano foi regeitado; provando este resultado mais uma vez a triste verdade do adagio: *Ninguém é propheta na sua terra*. Foi mais feliz nos seus projectos de duas pontes suspensas para a ilha Bourbon; o governo francez adoptou-os; mas a má fé, ou a ineptia dos empresarios fizeram subir as despezas muito além do orçamento apresentado, e a mesma fatalidade que o acompanhára nas suas empresas commerciaes ainda ali o perseguio.

A applicação do vapor á navegação era então objecto das atenções dos sabios. Brunel tambem deu o seu contingente. Começara os seus estudos em 1810, e em 1814 fez varias experiencias no Tamisa com uma machina de movimento duplo. Quando, porém, chegou a Magarta, as tripulações dos barcos de véla ameaçaram-no, e foi-lhe recusado um quarto na hospedaria. Mas, dominado sempre do desejo de inventar, passava rapidamente de uma idéa a outra. Faraday acabava de demonstrar por seus estudos sobre a liquefação do gaz, que o gaz acido carbonico, depois de ser reduzido ao estado liquido, podia no-

vamente vaporisar-se, e que com muito pequeno dispendio de calorico se obtinha uma alta pressão. Brunel imaginou logo uma machina a gaz, devendo este ultimo motor substituir o carvão e o vapor. Obteve um privilegio e o almirantado deu-lhe duzentos luizes para ajudal-o nas suas experiencias. A curiosidade publica estava deveras excitada. Na verdade a theoria era seductora; mas a pratica provou que afinal a agua era muito mais barata que o acido sulfurico, e o vapor mais facil de regular que o gaz acido carbonico. Não satisfazendo as indispensaveis condições de economia, o projecto foi posto de parte, esperando que outro mais gigantesco o substituísse.

Mas Brunel não era homem que prendesse a sua atenção unicamente a uma cousa; ao mesmo tempo que estudava o vapor, traçava planos de pontes, construia diversas machinas, — pensava em abrir sob o Tamisa uma passagem subterranea, o famoso tunnel que foi o apogeu da sua carreira, e do qual, tanto elle, como seu filho proseguiram vinte annos a execução, sem que nenhum revez, nenhum perigo, podessem cançar-lhes a constancia. A idéa não era nova. Em 1798, já um engenheiro distincto, Georges Dodd, a apresentára, acompanhada com o competente orçamento. Não achou quem se interessasse deveras, e o plano caio no esquecimento, donde o tirou mais tarde um certo Trevethick, conhecido como auctor da machina de alta pressão. Formou-se uma companhia, emittiram-se as acções, e os trabalhos começaram em 1807. A excavação chegára a 953 pés, quando a agua irrompeu e afogou os trabalhadores. Novas tentativas tiveram o mesmo resultado. Resolveu-se então consultar os sabios, entre outros o mathematico Hutton e o engenheiro Jessop. A sua conclusão foi dada nestes termos:

«Embora não queiramos pôr limites á habilitade humana, devemos confessar que, á vista das circumstancias que nos foram claramente expostas, consideramos perfeitamente impossivel uma passagem por baixo do Tamisa, que seria *util ao publico e proveitosa aos accionistas*.»

Em 1816, um tal Hawkins publicou um novo projecto para a excavação do tunnel. Seduzido pela grandeza e talvez pelas difficuldades da empreza, Brunel começou a pensar deveras nos meios de execução. O seu pensamento estava constantemente voltado para aquelle lado. Um dia que elle estava reflectindo num estaleiro, em Chatam, o seu olhar caio por acaso sobre uma quilha velha de um navio roido pelo grande destruidor das madeiras submersas, o *Teredo navalis*. Examinando o pequeno molusco, vio que a cabeça era ao mesmo tempo armada e protegida por duas fortes conchas, terminadas em ponta como o ferro de uma verruma, e podendo jogar separadas uma da outra; de sorte que a tromba fixada sobre a madeira e fazendo ponto de appoio central, as duas brocas abriam-lhe o caminho, por onde elle caminhava com segurança. Foi, portanto, á vista deste engenhoso mecanismo natural, que Brunel imaginou o celebre escudo de doze compartimentos moveis, dos quaes seis deviam ser empregados em abrir o caminho e os outros seis em sustentar o terreno. A descripção da machina e dos processos que elle contava applicar á excavação inspiraram confiança aos capitalistas; organisou-se uma com-

panhia; a despeza foi calculada em duzentas mil libras sterlinas, e a subscrição immediatamente attingio aquella somma. Nomeado engenheiro em chefe, com o subsidio de mil libras sterlinas, durante tres annos, com a promessa de uma gratificação de dez mil libras quando o caminho estivesse concluido. Brunel começou os seus trabalhos em 1825, por um poço de cincoenta pés de diametro e quarenta e dois de profundidade, do lado de Rotherhithe, donde o tunnel devia partir para chegar a Wapping, do outro lado do rio.

Esta empreza colossal, sem precedente, não podia caminhar senão á custa de genio, de um grande espirito de invenção; e Brunel tinha a consciencia de que estes recursos não lhe faltariam. Provou-o desde logo. Mandou construir á superficie do terreno, um cylindro de tijolo, da altura exigida, tendo na base uma forte armadura de ferro; cavou-se uniformemente o terreno pela parte inferior, e o poço foi se abrindo lentamente, e pelo proprio peso do tubo, até a profundidade marcada. Pôde então começar a excavação horizontal por debaixo do leito do rio. A grande difficuldade não estava em construir o tunnel, mas em conter o terreno enquanto não estava completa a alvenaria. As differentes partes do escudo, saídas das fabricas de Mandslay, foram descidas e ajustadas, e, no dia 28 de novembro começou a sua perigosa marcha. Notou-se então que a natureza do solo não era tal como o inspector encarregado de estudar o terreno a descrevera; em lugar de um banco de argila compacta, encontravam-se camadas de lodo, de areia, de cascalho permeáveis e todas impregnadas d'agua. Era um obstaculo serio, do qual Brunel previo as consequencias. Apoderou-se logo d'elle grande anxiedade; a saude alterou-se: applicaram-lhe remedios para evitar uma congestão cerebral. Não obstante, no fim do anno, uma parte da dupla abobada estava formada e consolidada numa extensão de 7 pés; mas, avançando, augmentaram as irregularidades do solo, e a agua irrompeu com tal violencia que subio quasi á boca do poço. Os trabalhos, suspensos por este desgraçado incidente, foram retomados logo que as bombas esgotaram a agua; mas o inimigo mostrara-se terrivel, e a duvida entrára em todos os espiritos. Brunel estava na cama; o engenheiro Armstrong achava-se exaustado de forças: toda a direcção recaio sobre o joven Brunel, que então apenas contava dezenove annos; mas o seu talento e coragem tornavam-no digno de substituir o pae. A excavação e as construcções foram conduzidas por elle com tão grande energia que o caminho avançava oito pés por semana. Em maio de 1826, o tunnel tinha cem pés de extensão. Foi-se prolongando no meio de assaltos repetidos. Invadido pelas agoas muitas vezes nas vinte e quatro horas, engenheiros e operarios eram forçados a uma vigilancia incessante. Sempre o primeiro a apparecer no lugar do perigo, e demorando-se ali muitos dias seguidos, o joven Brunel apenas conciliava o somno por curtos momentos em um dos compartimentos do escudo. Nenhuma constituição poderia resistir a tantas fadigas; caio doente. Seu pae succedeu-lhe, e tambem passou noites inteiras sem repouso. Para cumulo de pesares, os directores murmuravam das difficuldades imprevistas e dos gastos que ellas acarretavam. O presidente chegou mesmo a censurar

Brunel por ter abusado da boa fé dos accionistas, mettendo-os em um negocio impossivel. Afim de reduzir as despezas, limitaram o numero de inspectores, e, apesar dos protestos do engenheiro em chefe, convidaram, para trabalharem de empreitada, operarios incapazes e inexperientes que, ao menor incidente, se assustavam, abandonavam os trabalhos e propagavam o panico de que estavam possuidos.

Era mais um perigo augmentado aos muitos outros; porque, á medida que se ganhava o meio do rio, o terreno cada vez se tornava mais moavel: pedaços de carvão, pedras, vidro, tudo quanto o Tamisa acarreta, penetrava nas casas do escudo. Emfim, no dia 18 de maio de 1827, uma torrente medonha de lama entrou por todos os pontos; os operarios correram para o poço, impellidos por uma vaga enorme que ameaçava engulir-os. Felizmente, alcançaram os primeiros degrãos da escada antes da onda recuar. Julgavam-se todos salvos, quando se ouviu gritar: «Uma corda! uma corda! Salvem-no!» Um operario ficára para traz. O joven Brunel deixou-se escorregar por uma das traves de ferro do poço, entrou na agua, passou uma corda á roda do corpo do homem e fel-o içar para terra. Era o velho fogueiro da machina. Fez-se a chamada; ninguém faltou. Mas, desta vez, os trabalhos estavam completamente inundados.

Resolveu-se então atacar o mal pela sua origem, tapando o buraco que se abrira no leito do rio. Um sino mergulhador indicou o ponto: trinta mil pés cubicos de greda em sacos foram lançados no lugar da abertura, enquanto na parte interior trabalhavam as bombas. Emfim, no dia 10 de novembro, o tunnel estava seco, e o joven Brunel não pôde resistir á tentação de celebrar tão difficil victoria; deu, debaixo de um dos arcos, um jantar a cincoenta amigos, e obsequiou igualmente, sob a abobada parallelá com dos seus melhores operarios. O tunnel brilhantemente illuminado, foi neste dia lugar das mais vivas demonstrações de alegria. Musicas, vivas... era um festejo prematuro.

Continuaram os trabalhos. Dois mezes depois, a agua, despedaçando furiosa todos os obstaculos, entra novamente no tunnel, afoga dous homens, apesar dos esforços sobrehumanos do joven Brunel para os salvar, e a este mesmo o arrasta á superficie do poço, inanimado, onde milagrosamente foi salvo por um dos operarios.

Ficou o Tamisa senhor da sua conquista por muitos annos. Os fundos, senão os animos, estavam de todo esgotados. A empreza era absolutamente impossivel. Procedeu-se a nova subscrição; produziu uma somma insignificantissima. A esperanza unica estava no governo, que, emfim, concedeu á companhia, por emprestimo, a somma de duzentas e quarenta e seis mil libras sterlinas. Depois de sete annos de interrupção, recommçaram os trabalhos em março de 1836. Houve ainda muitas contrariedades, muitos obstaculos a vencer: tres vezes as agoas inundaram os trabalhos; mas, vigorosamente repellidas, foram vencidas, afinal, e o tunnel abriu a sua passagem ao publico no dia 25 de março de 1843.

Como especulação, a empreza era desastrosa; custára o duplo do que se havia calculado, e, o transito, sendo unicamente accessivel aos peões, as receitas foram sempre insignificantissimas.

A concepção e monumental execução deste gigantesco projecto, honram deveras os dois habéis e intrepidos engenheiros que, atravez de tantos perigos, a conduziram admiravelmente. Pouco tempo antes da conclusão do grande monumento, Brunel, o pae, fôra ameaçado de uma paralyasia, e, no diario onde elle, com firmeza e nitidez, relatava todos os actos da sua vida, lê-se em caracteres tremidos, traçados por mão impotente: «*Dieu soit loué! le tunnel est fini!*» A anxiedade, a sobreexcitação haviam despedaçado aquella alma. Logo que os trabalhos continuaram (e sem interrupção de noite e de dia) dera ordem para que o acordassem de duas em duas horas, afim de ver o progresso da obra. A casa que habitava, em Rotherhithe, estava situada mui proxima do poço. Ao toque de uma sineta, que estava collocada no seu quarto, e cuja corda descia da janella para a rua, levantava-se, accendia uma vela, examinava a natureza do solo, que lhe enviavam em um tubo, e não se tornava a deitar senão depois de ter escripto as suas instrucções aos operarios, e de haver tomado nota de tudo em um registro. Ainda muitos mezes depois da conclusão do tunnel, acordava regularmente de duas em duas horas, bem como sua mulher. Esta senhora, que o leitor já deve conhecer, associada aos projectos de seu marido, a todos os pensamentos deste, tomára uma parte activissima em todos os desgostos, trabalhos e vigílias, prestando-lhe muitas vezes grandes serviços. Na idade de setenta e seis annos escrevia Brunel no seu diario: *C'est à vous, ma très chère Sophie, que j'ai dû tous mes succès.* Noutra parte, em seguida a varias notas sobre o tunnel: «*Il y a aujourd'hui quarante deux ans que j'ai été uni à Sophie Kingdom, maintenant lady Brunel.*»

Entre outras honras, Brunel, em 1844, fôra elevado á dignidade de cavalleiro de Bath. Morreu em dezembro de 1849, deixando um filho que, por seus talentos, soube sempre conservar em grande altura o nome de Brunel.

NO CEMITERIO

(Fragmento do poemeto — Luisinha.)

A noite corria escura,
Era noite de janeiro,
mas sem luar prazenteiro,
mas sem aquella doçura,
mas sem aquella magia
e sem a limpidez calma
que vem instilar-nos n'alma
vagos sonhos de poesia.

Estende-se um véo cinzento
pela cupula celeste;
gelado suspira o vento
entre as ramas do cipreste;
e aos ais do vento gelado
casa seu pio funereo
o triste mocho, poisado
nas cruces do cemiterio.

Por sobre a erva mirrada
que orla cada sepultura,
branca, espessa cobertura
flocos a flocos a neve tece.
A neve cae, e no entanto
sobe aos ares triste canto,
tão suave e melancolico
que só ouvil-o entristece.

¿Mas que voz suave é essa,
triste como os ais extremos
do que os umbraes atravessa
da eternidade? Escutemos:

«Todos cospem na orfandade!...
Todos me deixam sósinha!...
E a innocente Luisinha,
consolal-a ninguem hade?»

E uma voz responde ao longe:
— Hade!

«Quem é que num cemiterio
responde aos suspiros meus,
quando ás minhas preces intimas
não responde *ella* nem Deus,
— Deus me perdõe, se pecco?»

E a voz respondeu ainda:
— Eco!

«Não conheço... mas se és tu
quem me vem roubar á dôr,
dize, em nome do Senhor,
quanto ainda te demoras.»

E o éco dizia ao longe:
— Horas!

«Bem hajas... fico esperando;
mas dize-me tambem já
se para mim ha lugar
onde minha mãe está!»

E o éco dizia ao longe:
— Ha!

«Eu espero, e em Deus eu creio
de todo o coração meu.
E dize: não é o céo
O premio de quem tem fé?»

E o éco dizia ao longe:
— É!

«Meu Deus! vós, que sois tão bom,
deitai-me tambem no leito,
onde meu pae une ao peito
os ossos de minha mãe;
e onde — felizes — ninguem
jámais acordal-os vai!»

E o éco disse inda ao longe:
— Ail...

.....

E o mesmo ai repetio
tres vezes o éco sentido.
Depois... mais nada se ouviu
senão um froixo gemido
que se perdeu no cicio
das auras que ramalhavam
o alto cipreste esguio.

E a neve ainda caía
açoitada pelo vento;
nevoado o firmamento,
assim a noite corria!

E correu! A madrugada
sorrindo appar'ceu em breve;
e quando a luz prateada
do sol, derreteu a neve,

alguem encontrou deitada
do cemiterio á porta,
Luisinha, fria, gelada,
immovel, pallida... morta!

CANDIDO DE FIGUEIREDO.